

## **Percepção do trabalhador rural e do pecuarista em relação à anemia infecciosa equina<sup>1</sup>**

***Dayanna Schiavi do N. Batista<sup>2</sup>, Sandra Mara Araújo Crispim<sup>3</sup>, Hildeberto Valle Petzold<sup>4</sup>,  
Márcia Furlan Nogueira T. de Lima<sup>5</sup>***

A anemia infecciosa equina (AIE) é uma retrovirose, incurável e semelhante à síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), sem ter a conotação de doença sexualmente transmissível. Após um período de elevada mortalidade de equídeos na década de 1970, quando o vírus foi introduzido no Pantanal, a AIE estabeleceu-se como endemia na região. Como características da AIE endêmica no Pantanal, verifica-se uma alta taxa de prevalência, ao redor de 40%, e uma população de equídeos que, apesar de soropositivos, são assintomáticos e permanecem realizando sua função na lida com o gado das fazendas. Paralelamente a este cenário, na última década vem se tornando cada vez mais proeminente o cavalo da raça Pantaneiro. Com os preços nos leilões cada vez mais atrativos, um número crescente de proprietários rurais vem se interessando pela raça, e é neste momento que a AIE passa a configurar-se um grande problema para a equideocultura regional, um verdadeiro estigma que denigre a imagem do cavalo Pantaneiro. Com o objetivo de mensurar o conhecimento do público estratégico (trabalhadores rurais e pecuaristas), sobre o nível do conhecimento da AIE e interesse pelas práticas de manejo, foi aplicado um questionário, no início do Projeto de Pesquisa “Anemia Infecciosa Equina no Pantanal brasileiro: caracterização do agente, diagnóstico molecular, avaliação de práticas de manejo e modelagem quantitativa”. Ao final do projeto será aplicado o mesmo questionário para aferir, se houve o aumento das práticas de manejo. O questionário com perguntas fechadas e estruturadas foi distribuído nos dias de campo, realizados em fazendas no estado de Mato Grosso do Sul, propriedades em sua maioria, com mais de 100 equídeos. O público estratégico analisado foi o dos trabalhadores rurais (n=31) e dos pecuaristas (n=26), sendo possível notar a diferença de percepção com relação a pergunta “O que é a AIE?”, dos 31 trabalhadores rurais, somente 12 acertaram a resposta e dos 26 pecuaristas, todos acertaram (“uma infecção incurável causada por um vírus que é transmitido pelo sangue contaminado”). O mesmo ocorreu para a pergunta sobre os sinais clínicos da AIE, em que nove trabalhadores rurais erraram e todos os pecuaristas acertaram a resposta (“febre, perda de peso, fraqueza, inchaço e palidez de mucosas”). Estes resultados demonstram que as informações sobre o que é a AIE e os seus sinais clínicos ficam centrados no pecuarista, que na maioria das vezes é o empregador e o tomador de decisão na propriedade rural. Devido a isto, sugere-se que o público alvo a ser atingido pelas campanhas de conscientização e de cursos e treinamentos, seja o trabalhador rural e não o proprietário/pecuarista, pois quem está na lida com os animais é o trabalhador. É para esses agentes que os esforços de transferência de tecnologia deveriam se voltar. Assim, estratégias com agentes multiplicadores e parcerias com a assistência técnica pública e ou privada devem ser usadas e validadas. Para a pergunta “Quanto gastaria por mês para controle da AIE?”, os pecuaristas, na sua maioria responderam que estão dispostos a dispendir de R\$100,00 a R\$1.000,00 por mês, para controlar a AIE. Ações de transferência de tecnologia estão sendo realizadas no decorrer da pesquisa e, ao final serão comparadas às respostas iniciais para inferir se houve ou não, a conscientização e aprendizado sobre as técnicas de manejo para controle da AIE, pela maioria dos trabalhadores rurais e pecuaristas. Em caso negativo, ações mais enérgicas deveriam ser incrementadas juntamente com outros órgãos nas diferentes esferas.

<sup>1</sup>Parte do Projeto de Pesquisa “Anemia Infecciosa Equina no Pantanal brasileiro: caracterização do agente, diagnóstico molecular, avaliação de práticas de manejo e modelagem quantitativa”, financiado pela Embrapa

<sup>2</sup>Analista Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (dayanna.schiavi@embrapa.br)

<sup>3</sup>Pesquisadora Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (sandra.crispim@embrapa.br)

<sup>4</sup>Técnico Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (hildeberto.petzold@embrapa.br)

<sup>5</sup>Pesquisadora Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (marcia.furlan@embrapa.br)